

Como qualquer estudante do quinto e último ano de arquitectura na Universidade Técnica de Estocolmo, foi-me dada a liberdade de escolher qual o projecto a desenvolver durante o ano. Essa liberdade também abrangeu o local para o respectivo projecto. Assim, devido a uma enorme vontade de estudar o fenómeno das favelas, escrevi dois e-mails para duas Organizações Não Governamentais (ONG) do Rio de Janeiro, explicando as razões que me levavam a querer trabalhar numa favela. Visto que um dos grandes problemas que o Brasil tem é a falta de educação, principalmente nas zonas socialmente mais desfavorecidas, acrescentei ao e-mail que preferia desenhar uma escola mais do que qualquer outro equipamento. Anexei o meu currículo e fiquei a aguardar notícias.

Dois dias depois recebi a resposta: “Podes vir Filipe. Temos terreno e (pouco) dinheiro para construir uma escola, só estamos à procura de um arquitecto.” A fé move montanhas e duas semanas mais tarde voei de Estocolmo para o Rio para iniciar a minha missão – o pôr de pé a desejada escola, desde a concepção até à sua implementação.

No Rio morei com os meus tios e primos em Copacabana. De toda a família Brasileira - o meu pai é Português e a minha mãe é Brasileira - ninguém nunca tinha estado numa favela. À mesa do jantar propunham-se ideias para o melhoramento das favelas. A minha família morria de medo de entrar em qualquer uma. À chegada, a minha tia fez questão de adicionar a segurança no trabalho do seu sobrinho às orações diárias.

Chegando à estação da Rocinha fui recebido pela Vivi com um grande abraço. A Vivi é a presidente da ONG “Instituto Dois Irmãos”(i2i) e tinha sido parcialmente com ela e com Paul Sneed, professor de antropologia da universidade de San Diego e vice-presidente do i2i, que tinha tido a conversa anterior via e-mail. Durante a caminhada que demos juntos, nessa manhã, pela Rocinha, ouvi diversas histórias sobre a comunidade e fui apresentado a dezenas de pessoas. A partir dessa iniciação passei todos os dias in loco, fortalecendo as relações sociais com os moradores, os quais faziam questão de partilhar opiniões sobre a futura escola, tais como: “Tem que ter espaço para aulas de dança; ou, Para a aula de Francês, você é capaz de fazer isso?; Você pode construir tudo em bambu? Adoro bambu...; Dá para fazer um espaço para aulas de capoeira na cobertura?; Será que você pode fazer um espaço só para aula de culinária?” Todos estes anseios e questões foram chaves para formalizar a arquitectura apropriada. Afinal a escola era para a comunidade.

Eu já tinha estado numa favela em Lisboa: chamava-se o Bairro do Gato Preto, em Algés. A estrutura urbana desse bairro, hoje demolido, era parecida com a estrutura do bairro dos pescadores

da Ericeira ou da Costa do Castelo - imaginando-o em planta, todas as casas e ruelas são diferentes e conjuntamente formam curvas suaves como um desenho Arte Nova. Em adolescente, visitava o meu amigo Freddy, no Bairro do Gato Preto, para tocar bateria em sua casa; mas naquela manhã, quando pela primeira vez visitei a Rocinha - uma favela gigantesca, do tamanho de uma montanha - fiquei simplesmente maravilhado com toda a actividade que ali fervilhava. É que tinha acabado de entrar num espaço hiper-denso mas, curiosamente, hiper-harmónico, como se se tratasse de uma cidade dentro de outra cidade. É interessante pensar na Rocinha como um edifício só, onde moram entre 200.000 e 300.000 pessoas, edifício que foi construído por milhares de mãos durante um período de mais ou menos um século. A Vivi e o Paul tiveram a iniciativa de comprar uma pequena casa velha no Valão - um dos locais mais violentos da Rocinha - a qual iria ser convertida na tão almejada escola e centro social. O Paul tinha organizado em San Diego, durante anos, várias festas para arrecadação de fundos destinados à construção da escola. A Vivi apresentou-me aos organizadores e voluntários do i2i: Daniel, Rogério e Washington, os organizadores; Alexis, Matt e Beth, os voluntários americanos que tinham vindo ensinar Inglês às crianças e adultos da favela e, também, organizar a biblioteca. Aconteceram muitas e longas reuniões diárias sobre o projecto.

O sonho do i2i era converter a casa comprada numa super escola que pudesse funcionar de dia e de noite para ensinar crianças e adultos. Tínhamos 12.000 dólares americanos para concretizá-lo.

O local era aquela casa velha, com dois pisos, e uma implantação de 5,7 x 4,7 metros. Em vez de deitar abaixo o existente para construir a escola, pensámos conjuntamente que seria melhor derrubar somente algumas paredes e renovar o restante porque desta forma, poupando imenso dinheiro, garantiríamos uma construção de melhor qualidade.

Optámos por pagar somente salário a um mestre-de-obras, Guilherme Lima, e a dar um bom almoço a quem quisesse ajudar durante o dia. Desta forma, vinham voluntários diferentes, em dias diferentes. Na favela os vizinhos entreadjudam-se bastante.

A edificação está implantada a 1,2m do vizinho da frente, a 90cm do vizinho da direita, a 20cm do vizinho da esquerda e partilhava uma parede com o vizinho de trás. A única rua de acesso tem 1,2m de largura!

A estrutura existente tinha sido construída pelo Sr. Oliveira, pai do Daniel: eram 9 pilares, com cerca de 30cm x 12cm de secção. Eis o arranjo da casa, isto é, como ela estava e a nossa proposta de transformação. O primeiro

andar era constituído por uma varanda que também servia de entrada, três quartos muito pequenos, uma casa de banho e uma escada de acesso ao segundo andar. Alterámos para um só compartimento, grande, que serviria de biblioteca e colocámos a casa de banho debaixo da escada. O segundo andar continha dois quartos pequenos, uma casa de banho e uma varanda que não tinha uso - abrimos a planta num espaço multifunções. O terceiro andar não existia; tivemos que reforçar não só a fundação do edifício, mas também os pilares e vigas dos primeiro e segundo pisos, para fazer esta extensão vertical com a devida segurança estrutural.

Consegui convencer a equipa a fazer um espaço com dupla altura e com seis janelas, para aumentar a luz natural e a ventilação natural num espaço outrora escuro, para criar um pequeno vazio no coração da favela e da sua intensa densidade.

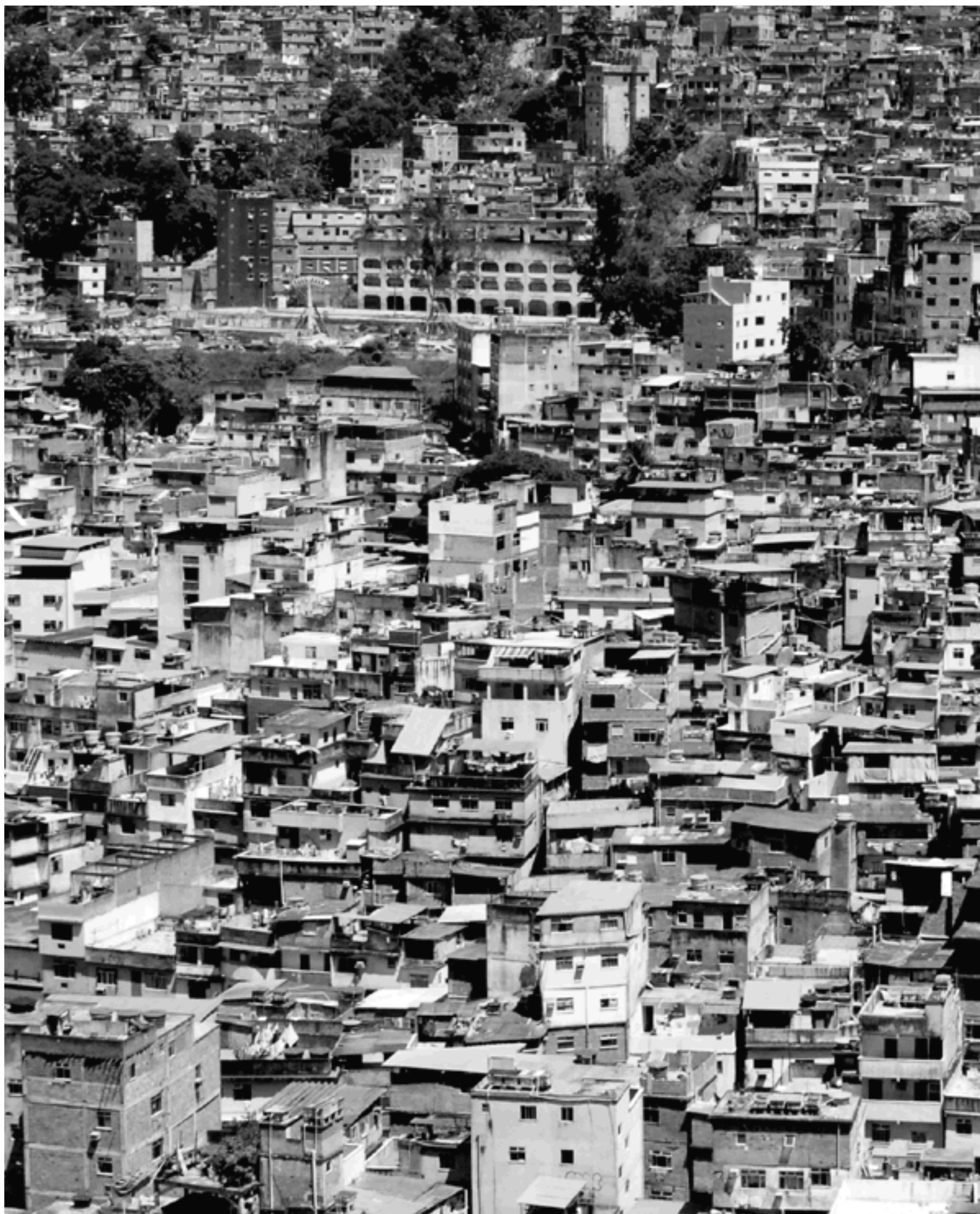
“Normalmente, na Rocinha, por cada quarto, existe uma janela... ou nenhuma” - informava o Guilherme, o mestre-de-obras - “nunca se viu um quarto com seis janelas. E a altura máxima dos quartos é de 2,3m”. Felizmente, a vontade de construir algo especial prevaleceu e o terceiro andar foi construído com dupla altura e seis janelas; na cobertura, ficou o espaço designado a aulas de Capoeira, e ao conto de histórias para crianças, debaixo do sol brando da manhã.

A ampliação vertical o edifício existente interferiria com a localização de uma janela do vizinho, porque ele perderia a sua vista. Por isso, o vizinho e a Vivi conversaram sobre o assunto e ele concordou em fechar a janela para dar lugar a mais uma sala de aula. Mais tarde, vim a saber que ele é músico e autor de diversos temas famosos de baile funk como o “Rap das Armas” que fez sucesso com o filme Tropa de Elite. O mundo é pequeno.

Passei dias a desenhar o que havíamos concordado fazer para a escola, em plantas, cortes, e fachadas, mas no dia em que apresentei os desenhos, ninguém mostrou grande interesse, talvez porque a cultura predominante na favela é a oral e não a escrita.

Resolvi explicar o processo de construção das alternativas, fisicamente, caminhando pelo edifício antigo, mostrando as velhas paredes que iam ser demolidas e as novas que iam ser erguidas, quais os pilares e vigas a reforçar, a que altura colocar as janelas, o que fazer primeiro e o que fazer depois, numa sequência lógica, organizada com puro senso comum. O resultado foi óptimo.

Deixámos os desenhos de lado e passámos a ter reuniões sobre o que fazer e, como fazê-lo. Como se estivéssemos dentro de uma maquete na escala 1:1. Comprei uma câmara de vídeo e documentei o processo. Mais tarde, em Estocolmo, editei o conteúdo gravado num filme, ao qual chamei “Sambarquitectura”.













0m

300m









Estava ainda o terceiro andar em construção e já existiam 33 alunos, entre eles adultos com aulas de alfabetização, à noite, depois do trabalho, e crianças aprendendo Inglês, Francês e Italiano, de manhã e à tarde. A favela não consegue esperar para aprender.

Na festa de inauguração a minha família foi convidada e adorou o evento, quebrou-se o gelo com o calor de novas amizades. Hoje, a minha prima é amiga da Vivi, e elas estão a planear construir outra escola. Depois da inauguração, alguém visitou a escola e comentou que estava mais bonita que a igreja local.

As favelas são a fundação da sociedade urbana do Brasil e o lar das raízes da cultura brasileira - foi nas favelas que nasceu o samba, a capoeira, a feijoada e o carnaval. Neste projecto, a arquitectura foi usada como instrumento para a evolução do ser humano - foi comunicada verbalmente, directamente de um ser humano para o outro.

Filipe Balestra

Sollefteå, Junho de 2009



Créditos e agradecimentos para Viviana Rodrigues, Paul Sneed, Daniel Oliveira, Rogério Rodrigues, Washington Ferreira, Matt Wingard, Alexis Torres, Beth Letalien, Guilherme Lima, Marcus Lima, Rafael Balestra, Diogo Cruz, Céres e Carlos Horta, Sara Göransson e para todos os outros voluntários que ajudaram o Instituto Dois Irmãos a concretizar este sonho e continuam a levá-lo avante todos os dias.